REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

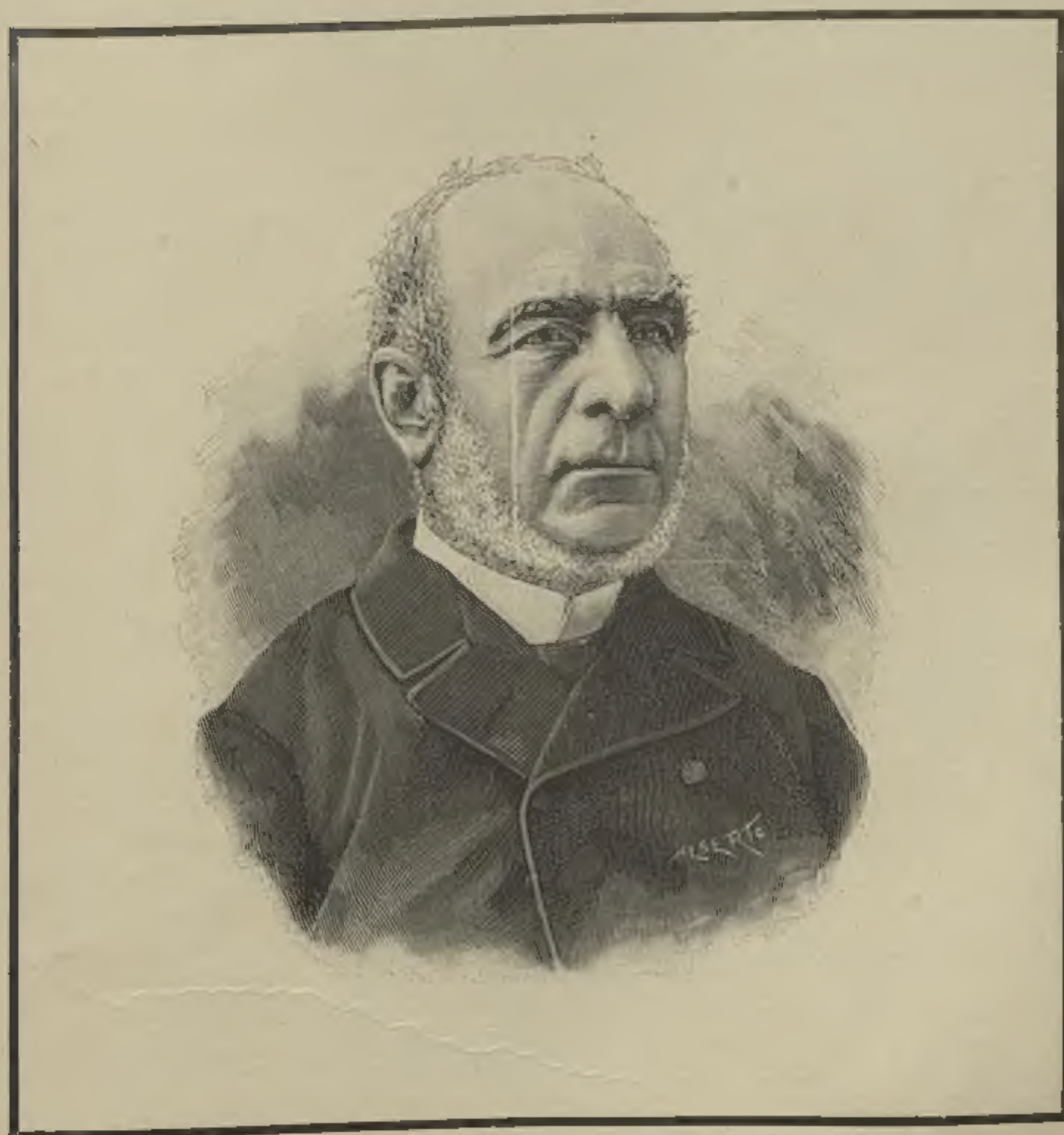
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 302

11 DE MAIO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

VISCONDE DE MONTE-SÃO

FALLECIDO EM 22 DE ABRIL DE 1887 (Segundo uma photographia de H. Nunes)

CHRONICA OCCIDENTAL

Como promettemos, esta nossa chronica de hoje será consagrada ao grande actor francez Coquelin, cujas representações, no theatro de D. Maria, constituiram um dos mais importantes acontecimentos artisticos de Portugal, n'estes ultimos tempos.

Coquelin occupa hoje na Arte theatral contemporanea logar proeminente; no seu genero é o primeiro do mundo, é um actor de ha muito consagrado mestre entre os mestres, pela critica dramatica parisiense, por essa critica que é exercida a grande altura pelos escriptores mais eminentes da França, é um consumado professor da arte de representar, em quem aos profundos conhecimentos da sciencia da scena se alia um talento de primeira ordem; e por isso todos os seus trabalhos, filhos d'um longo e consciencioso estudo artistico, tem o direito de ser analysados minuciosamente, demoradamente, com o mesmo interesse, com a mesma attenção com que se examinam as obras primas da elaboração artistica do espirito humano.

Impossibilitados de assistir ás tres primeiras representações que Coquelin deu em Lisboa, seguimos depois todos os seus espectaculos com um interesse dia a dia crescente, com uma admiração dia a dia progressiva, que por fim se transformou n'uma verdadeira idolatria.

Porque o Coquelin, como todos os grandes artistas completissimos, cada vez que se vê mais e mais se admira, tem tudo a ganhar em ser estudado cuidadosamente, observado com a mais minuciosa attenção.

No primeiro dia vê-se logo que é um grande actor; mas no dia immediato, no outro, no outro, seguindo attentamente todos os seus trabalhos, analysando miudamente cada um dos seus gestos, das suas inflexões, dos seus olhares, comprehende-se que é um artista unico, excepcional.

Pelo menos foi assim gradualmente que no nosso espirito caminhou a impressão produzida pelo illustre actor francez.

A primeira peça em que o vimos foi o *Casamento de Figaro*, essa obra prima de Beaumarchais, que nós conservamos preciosamente, em logar proeminente, no sacrario das nossas adorações litterarias.

E confessamos francamente, a impressão que nos produziu Coquelin no papel de Figaro não foi muito profunda.

Sahimos do theatro sem um grande enthusiasmo, sem esse enthusiasmo ardente, vibrante, com que sahimos da primeira recita da Sarah Bernhardt, a actriz excepcional.

E' verdade que para isso contribuiam varias causas, além da differença enorme que ha entre os generos artisticos de Coquelin e da Sarah, e mesmo da differença que ha sempre entre um artista de grande talento, e uma artista de genio, como não ha outra no mundo, e que marca no seu seculo artistico uma verdadeira excepção.

Essas varias causas começam no feitio antigo, que apesar de obra prima do melhor quilate, se não póde deixar de notar no *Casamento de Figaro*, representado, e acabam no desempenho mediocre de todos os outros papeis da peça de Beaumarchais, que exige mais do que nenhuma outra, porque as responsabilidades estão espalhadas por todos os personagens — uma execução primorosa por parte de todos os artistas.

Estamos certos que se todos os personagens do *Casamento de Figaro* fossem representados como o foi o papel de *Figaro*, o effeito da obra de Beaumarchais seria brilhante, e tudo o que n'ella pareceu haver de *demodé* seria offuscado pelo espirito excepcional do dialogo, pela graça notabilissima das situações, pela arte suprema da intriga dramatica.

Mas nada d'isto succedeu.

Abstraindo Coquelin, magnifico em todo o personagem de Figaro, os outros artistas quando não eram detestaveis, não passavam de mediocres.

D'ahi a frieza com que foi ouvida e recebida toda a peça.

A seguir ao *Casamento de Figaro* vimos Coquelin no *D. Cesar de Bazan*.

E n'essa peça ainda, apesar de em muitos traços do personagem, do aventureiro fidalgo hespanhol, se denunciar brilhantemente *la griffe du maître*, não sahimos do theatro profundamente enthusiasmados com o illustre actor francez.

E confrontando no nosso espirito o Cesar de Bazan feito pelo Coquelin, e o Cesar de Bazan feito por Augusto Rosa, sem medo de obedecermos a um falso patriotismo que graças a Deus nunca nos atormenta em questões d'arte, damamos a preferencia ao actor portuguez.

Evidentemente n'uma ou n'outra scena Coquelin mostrou-se mestre consumado, mas na linha geral do personagem, n'aquelle tom um pouco quixotesco do fidalgo hespanhol, Augusto Rosa realisa muito mais o typo de D. Cesar de Bazan que o Coquelin, mercê talvez dos seus dotes physicos, da sua mocidade, e tambem decerto — porque sem isto não se pode competir com um grande artista — de um talento e de um estudo escrupuloso.

Mesmo nas scenas do quarto e quinto acto, em que o aventureiro desapparece do caracter de D. Cesar de Bazan para só deixar apparecer o fidalgo, n'essas scenas de transição em que esperavamos se accentuasse uma differença notavel entre o Coquelin e o Augusto Rosa, essa differença não se deu, muito sensivel, e ainda mais, se se deu, foi talvez favoravel ao actor portuguez.

Coquelin é tão grande, e temos por elle tão profunda e enthusiastica admiração, que este nosso confronto não o diminue inteiramente nada aos nossos olhos, e eleva e muito o merecimento do actor nosso compatriota, e veio provar-nos mais uma vez uma coisa que muita gente finge não querer acreditar — é que temos no nosso theatro artistas de muito merecimento, que não fazem má figura ao lado dos bons artistas lá de fóra, e que em Lisboa se representa ás vezes muito bem.

Os outros papeis de D. Cesar de Bazan foram mediocremente representados e não podem soffrer confronto com o desempenho que lhe deram os artistas do theatro de D. Maria.

Por exemplo: nem de longe se pode approximar Paulina Patry no papel de condessa de Bazan, da nossa actriz Virginia, João Rosa do actor que fez o rei de Hespanha e que foi tão mal que desmanchou o effeito d'uma das melhores scenas da peça, a scena com Cesar de Bazan no quinto acto.

Na terceira noite em que vimos Coquelin representar é que viemos do theatro cheios de admiração pelo grande artista, uma admiração sem restricções e comprehendendo bem porque é que elle é o primeiro actor da França, e no seu genero o primeiro de todo o theatro contemporaneo.

Gringoire, essa perola litteraria de Theodoro Banville, é uma maravilha representado por Coquelin.

Com uma grande sobriedade de gestos, sem *ficelles* de especie alguma, apenas com a arte prodigiosa de dizer que elle possue como ninguem, Coquelin fez brilhar lagrimas em muitos olhos não acostumados a chorar no theatro; e nós mesmos que nos julgavamos completamente couraçados, que lidando ha 15 annos com peças nos julgavamos immunes do contagio das lagrimas, sentimos os olhos humedecidos perante aquella scena profundamente commovedora na sua simplicidade, entre Gringoire e a afilhada de Luiz XI.

Essa scena representada por Coquelin é uma obra prima, é um prodigio de arte.

Uma actriz que não tem ainda nome brilhante em França Bertha Dharcourt, uma actriz de Vaudeville, que Sardou foi buscar a Nice para lhe fazer um papel na *Georgette*, representou muito bem essa scena, deu excellentemente a replica ao Coquelin.

Depois d'esta deliciosa comedia de Banville, Coquelin representou uma comedia em 3 actos de Scribe, um d'esses *vaudevilles* sem *couplets*, em que era mestre o afamado dramaturgo francez, e em que pululam todos os seus defeitos e todas as suas qualidades. *Oscar, ou le mari qui trompe sa femme*.

Essas qualidades são a excellente urdidura da peça, a sciencia com que o enredo está conduzido, o interesse comico com que a acção se desenvolve: os defeitos são a permanente falta de caracteres nos personagens, falta de espirito no dialogo, que se arrasta banal, insipido, estupido por todos aquelles tres actos sahidos d'um dado feliz e bem desenvolvido.

N'essa comedia Coquelin, n'um papel francamente comico foi deveras extraordinario.

A sua veia comica é originalissima, a força da sua expressão é prodigiosa, e a scena da mesa com os livros, no segundo acto, uma scena muda, em que sómente com o olhar, com a expressão physionomica o grande actor conserva durante cinco minutos o publico em enorme hilariedade é tudo o que de mais surprehendente temos visto no genero de comedia.

O Deputado de Bombignac, uma peça de Bisson, nova para Lisboa, que Coquelin creou em Paris, e que representou no theatro de D. Maria é engraçadissima. O segundo acto principalmente teve um grande successo de gargalhada, e em toda ella Coquelin foi sempre magnifico.

Um dos papeis em que o grande actor francez mais nos maravilhou foi no tabellião da *Mademoiselle de la Seglière*.

Da primeira á ultima scena esse papel desempenhado por Coquelin é um prodigio de finura, de arte delicadissima, de *savoire faire* theatral e representado assim o papel do *Destournelles* domina toda a peça, torna-se o verdadeiro protagonista da delicadissima comedia de Sandeau e Augier.

Bertha Dharcourt, a actriz de quem já fallámos a proposito do *Gringoire* fez mademoiselle de Seglière com muita discrição; o marquez teve um desempenho rasoavel por parte do actor Duquesne, não podendo de fórma alguma a execução d'estes dois papeis soffrer o mais ligeiro confronto com o desempenho que lhes deram em Lisboa em tempo, Rosa pae, Manuela Rey e depois Lucinda Simões.

No *Legatario Universal* uma velha farça de Regnard, que Francisco Palha *arreglou* excellentemente para portuguez com o titulo de *Testamento*, Coquelin mostrou uma outra phase do seu prodigioso talento — o actor de *charge*.

E n'esse papel foi tambem extraordinario o grande actor.

Houve alguns espectadores que acharam exaggerado, carregado de mais o personagem, mas evidentemente Coquelin representando-o assim segue escrupulosamente a tradição e faz o papel como o auctor o imaginára e como elle deve ser feito.

N'esta peça distinguiu-se tambem muito n'uma lacaio, a actriz Maria Kolb, do Odeon, a primeira actriz da companhia de Coquelin, que sem ser uma notabilidade, tem merecimento e fez muito bem o *Legatario Universal*, o *Oscar*, a *Etincelle*, que lhe valeu muitos applausos, o *Livro 3.º Capitulo 1.º*, uma comedia muito conhecida em Lisboa, mas de que Coquelin tira partido enorme, e as *Preciosas Ridiculas*.

Fallámos na corôa mais brilhante de Coquelin — o papel de Mascarillo, das *Preciosas*, um papel creado pelo proprio Molière.

A ultima palavra da arte de representar é aquelle papel representado por Coquelin, aquella scena do madrigal cantado, que chega a produzir assombro, tal é a perfeição extraordinaria, sublime, com que a faz Coquelin.

E temos fallado em todos estes papeis de Coquelin e não fallámos ainda nos seus *monologos*.

Esses monologos são uma verdadeira collecção de obras primas, um *écrin* de perolas que não se sabe qual a mais preciosa.

E não nos atrevendo a escolher primazias entre o *Naufragé*, *Les pauvres gens*, *Le sous prefet*, *les prunes*, *les Ecrevisses*, *Barbaçon*, ou *Monsieur Malbroug*, fechamos a nossa chronica fazendo votos para que Coquelin volte breve á nossa terra, e lamentando que o governo que subsidia os pintores e os esculptores para irem no estrangeiro estudar com os grandes mestres, não subsidie tambem de vez em quando a vinda a Lisboa de companhias dramaticas com artistas como Coquelin, para que os nossos artistas estudem, alli n'esses magnificos modelos, os segredos maravilhosos da arte de representar, esses segredos que no nosso paiz elles tem que adivinhar, mais de que estudar, á falta d'onde.

Gervasio Lobato.

VISCONDE DE MONTE-SÃO

I

Ha homens, cujo elogio não póde fazer-se em duas palavras, porque foi o trabalho perseverante, o cumprimento austero e continuado do dever, a manifestação repetida de um alto espirito que os fizeram dignos do applauso dos seus contemporaneos e dos respeitos da posteridade. A sua biographia vae-nos revelando a cada passo uma virtude, um merito, um acto generoso, um serviço prestado ao paiz e á humanidade. Desenrolar o panorama d'uma existencia consagrada ao bom e ao justo, á patria e á sciencia é o melhor modo de lhes tecer o panegyrico. Foi um

d'estes homens o visconde de Monte-São. A sua vida não teve os esplendores que offuscam, mas teve a luz serena e firme das altas virtudes, do trabalho sem treguas, e da fina cultura de um elevado espirito. Deixou a honrarem-lhe o nome uns poucos de filhos, e entre elles dois que são já hoje benemeritos do paiz e das letras — Cypriano Jardim, e o dr. Luiz Jardim, hoje conde de Valenças. A biographia de seu pae, traçada miuda e conscienciosamente no *Conimbricense* pelo sr. Joaquim Martins de Carvalho, e de certo o pergaminho mais honroso da sua herança. Assim o demonstraremos n'este rapido esboço.

II

Tendo nascido em Coimbra a 19 de julho de 1818, tinha Manoel dos Santos Pereira Jardim apenas 15 annos, quando se sentio inflammado no desejo de ir pugnar com as armas na mão pela causa da liberdade.

Partio secretamente para o Porto, sentou praça no regimento dos voluntarios da Rainha, e pelejou briosamente n'essas fileiras até á terminação da lucta.

Voltando aos seus estudos interrompidos, matriculou-se na faculdade de philosophia na Universidade de Coimbra, e doutorou-se em 1840. Nomeado logo depois lente de philosophia no lyceu de Lisboa, entrou por essa modesta porta na carreira do ensino, em que tão eximio se devia mostrar. Organisando-se em 1850 em Coimbra o collegio denominado de Santo Antonio da Estrella, entrou o dr. Jardim para o corpo docente, e foi elle quem redigio o programma do collegio. Encarregado pelo conselho superior de instrucção publica, de formular o programma para o ensino de philosophia nos lyceus, desempenhou-se maravilhosamente d'esse encargo, e, tendo Bernardino Carneiro publicado o seu *Compendio de moral*, que, para vergonha da nossa instrucção publica foi por tanto tempo o compendio adoptado, saiu o dr. Jardim a combatel-o, travando com o auctor renhida polemica.

Vogal extraordinario do conselho superior de instrucção publica, o dr. Jardim apresentou um projecto de lei sobre instrucção primaria, e um *Relatorio da terceira secção*, que foi publicado com applauso na *Revista Universal*. Este *Relatorio* é de 1847.

Entretanto fôra elle admittido no corpo docente da faculdade de philosophia, passando successivamente pelos diversos graus d'aquelle noviciado do magisterio, até ser em 1857 nomeado lente cathedratico.

Está concluida a primeira phase da vida do dr. Jardim, e acabamos de o ver dedicado com todo o zelo á causa da instrucção, consagrando-se todo ao ensino. Foi sempre essa a feição mais caracteristica da sua phisionomia intellectual. Era o ensino a sua occupação predilecta, a causa da instrucção a que elle com mais ardor defendia.

III

Eleito em 1865 presidente da camara municipal de Coimbra, mostrou o que póde a iniciativa illustrada de um homem de valor n'estes assumptos de administração local. A causa da instrucção foi ainda a que mais o preoccupou. Foi elle que inaugurou as conferencias pedagogicas dos professores, foi elle que instituiu cursos nocturnos, precedendo a sua iniciativa n'aquelle municipio á do sr. Mártens Ferrão em todo o reino, foi quem deu á Associação de Artistas a sala em que ainda hoje celebra as suas sessões, e onde figura como o de um benemerito, o retrato do dr. Jardim.

Entretanto continuava a reger a sua cadeira, tratando zelosamente das questões que lhe eram inherentes, e varios relatorios escreveu e varios alvitres propoz ácerca dos estabelecimentos dependentes da faculdade de philosophia.

Não é, devemos dizel-o, extremamente frequente nos lentes que chegam a occupar a posição politica alcançada pelo visconde de Monte-São, o continuarem assim a occupar-se das questões de ensino.

Essa preoccupação, porem, acompanhou-o a toda a parte, e ainda na ultima sessão da camara dos pares a que assistio, pronunciou um elevado e erudito discurso ácerca do programma de ensino do Collegio das Missões.

Trabalhador ardente e infatigavel, estudou e escreveu até á ultima hora da sua vida. Poucos dias antes de morrer, acabára de imprimir uma obra medica intitulada *Deterioração do clima da Europa*, precedida de uma conceituosa dedicatoria ao sr. José de Mello Gouveia. A 21 de abril de 1887 morria na sua casa de Lamarosa, apezar de todos os esforços da sciencia e dos cuidados desvelados de seus filhos; o velho e erudito lente de universidade contava 69 annos incompletos.

IV

Como vêem, vae completamente desataviada de pretenciosos arrebiques esta singela biographia. Tinha de contar uma existencia simples, não podia nem devia ser pomposa. O visconde de Monte-São foi o homem do dever, nobre e singelamente cumprido.

Cidadão, no alvorecer da vida combateu com a espingarda em punho, como voluntario enthusiasta, pelas liberdades patrias; trabalhou como vereador em corresponder dignamente á confiança dos seus eleitores e em dar ao municipio os mais valiosos melhoramentos; membro do poder legislativo, poz a sua palavra e o seu voto ao serviço das causas que mais intimamente podiam interessar o seu paiz.

Homem de familia soube educar seus filhos, e dar em todos elles á patria cidadãos prestantes.

Homem de sciencia, até á morte lhe consagrou o seu tempo, o seu talento e o seu trabalho. Ensinou, escreveu, promoveu todos os melhoramentos possiveis nas condições do ensino, occupando-se não só de um ensino especial, mas da generalidade da instrucção, preparou para todos os reformadores, nos seus relatorios, admiraveis elementos de informação.

E este o triplice aspecto do dever. Cada homem tem obrigações a cumprir para com os tres agrupamentos de que sempre é membro — a familia, a patria, a humanidade. Exemplar como chefe de familia, modelo dos cidadãos prestantes, zeloso cultivador d'esse campo da sciencia que é o dominio da humanidade, o visconde de Monte-São póde adormecer serenamente no eterno somno; cumprira a sua missão na terra, dera para o grande peculio da humanidade a sua quota de trabalho e de sacrificio. Quantos ha ahi de quem se possa dizer o mesmo, na hora em que baixam da inutilidade da vida á eterna inacção da sepultura?

Pinheiro Chagas.

O VICE-ALMIRANTE

João Maximo da Silva Redovalho

No dia 21 de abril ultimo, baixou a campa, sobre o que foi um dos nossos mais ousados marinheiros, do seculo actual, o vice-almirante reformado, João Maximo da Silva Redovalho.

Publicando o seu retrato e biographia, o Occidente presta homenagem, a um official da marinha de guerra portugueza, que durante 44 annos, prestou relevantes serviços ao seu paiz, servindo em continuas commissões da sua arma, de um modo por muitas vezes notavel, mostrando durante um longo periodo, uma inteireza de caracter não vulgar, uma pericia, como marinheiro, incontestavel, e uma dedicação e zelo pelo serviço, nunca desmentidos.

Os seus concidadãos deveram-lhe o ter cooperado, para que a causa da liberdade, suplantasse a do despotismo, e a humanidade, deveu-lhe a perseguição sem treguas, que, durante annos, fez aos que se entregavam ao trafico da escravatura.

Deixou de si um nome que continuará a ser citado entre os seus camaradas, que com elle serviram, como o de um mestre na arte de navegar, e o de um official disciplinador, valente, e bondoso.

Desde 1873 que o vice-almirante Redovalho estava reformado. — Quarenta e quatro annos de serviço, pela maior parte no mar, deram em resultado, que n'aquelle anno, fosse julgado incapaz de o continuar. — Apesar porem de ter depois de tal epoca, deixado de ser companheiro dos seus camaradas na vida publica, a noticia da sua morte causou viva sensação em toda a Armada. — Assim devia ser, porque entre essa corporação, cujos membros teem, sempre que, a occasião se apresenta, dado exemplos de bravura e abnegação de si mesmos, quando se trata de bem servir o seu paiz, são geralmente estimados e respeitados os que, como o Vice-Almirante Redovalho. não se affastam de um tal caminho.

Grande parte do serviço que prestou no mar, teve lugar, na epoca em que as commissões eram bem mais trabalhosas e duras de supportar, do que o são hoje, e o bom desempenho d'ellas, representa um trabalho, de que mal póde fazer idea, quem não servio n'esse tempo.

Sahido da classe de piloto, como muitos dos seus camaradas, que pelo mesmo tempo começaram a carreira de marinha, o vice-almirante Redovalho, não deixava pressentir a falta de curso da sua arma, e da educação militar que recebem os que teem aquella habilitação, e nos navios por elle commandados, a disciplina militar era rigorosissima.

As notas que constam dos seus assentamentos officiaes são as que se seguem: assentou praça de 1.º piloto em janeiro de 1831, 2.º tenente graduado em setembro de 1832, effectivo, novembro de 1832, 1.º tenente, novembro de 1834, capitão tenente, fevereiro de 1844, capitão de fragata, novembro de 1851, capitão de mar e guerra, novembro de 1860, contra-almirante graduado, outubro de 1866, reformado em vice-almirante, em maio de 1873.

Commandou os seguintes navios: fragata *Rainha*, corvetas *Relampago* e *Estephania*, vapores *Infante D. Luiz* e *Mindello*, lugre *Boa Esperança*, brigues *Serra do Pilar* e *Coimbra*, brigue escuna *Tamega*, escunas *Coquette*, *S. Sebastião*, *Boa Esperança*, *Amelia*, *Algarve* e *Cabo Verde*, hiates *Santo Antonio*, *Novo Sacramento* e *Soledade*; corpo de marinheiros e Estação Naval de Angola.

Tinham-lhe sido conferidas as seguintes distincções honorificas: commendador de Aviz e da Torre e Espada, cavalleiro e official da Torre e Espada, cavalleiro de Aviz, medalhas de prata para commemorar a expedição a Angola, medalha de D. Pedro e D. Maria (algarismo 6), medalha de ouro de bons serviços, e de prata do valor militar e comportamento exemplar.

Vamos designar os serviços d'este bravo official. Apresentando-se na Ilha Terceira em 1829 foi alli nomeado 1.º piloto, embarcando como tal, no lugre *Boa Esperança*. Commandou diversos navios, durante a campanha dos Açores, assistindo á tomada de todas as ilhas que se achavam sugeitas ao governo de D. Miguel. Fez parte da expedição que desembarcou nas praias do Mindello. Durante o cêrco do Porto commandou differentes navios, entrando algumas vezes em fogo.

Terminada a guerra da successão, foi nomeado commandante da escuna *Cabo Verde*, na qual fez algumas viagens como correio entre Lisboa e Angola. Estas viagens effectuou-as elle com uma rapidez, de que não havia exemplo em navio de vella, merecendo que fossem citadas officialmente como extraordinarias.

Como capitão tenente e commandante da corveta *Relampago*, fez em Angola uma estação de 3 annos, durante a qual apresou quatro navios negreiros, obrigou um a encalhar, e destruio um grande barracão, que servia de deposito de escravos.

Como commandante do brigue *Serra do Pilar* e da Estação d'Angola, apresou um brigue negreiro, soltou 194 escravos que estavam promptos a embarcar, fez parte da expedição que foi occupar o Ambriz e Bembe, entrando em fogo com a sua guarnição, contra os indigenas.

Embarcou como official de guarnição em muitos navios, podendo dizer-se que desde 1829 a 1865, esteve constantemente embarcado.

Em 1857 foi-lhe conferida a carta de conselho.

Foi elogiado por mais de uma vez, não só pelo nosso governo, como tambem pelo governo inglez, pelos excellentes serviços prestados contra a escravatura, e o governador d'Angola, para tornar bem frizante, o apreço em que teve esses serviços, deu a um dos brigues, por elle apresados o nome de *Redovalho*.

Durante uma tão longa carreira, commandando tantos navios, exercendo lugares onde percebia razoaveis vencimentos, morreu pobre como elle mesmo declara, em uma petição ao governo, que deixou escripta, na qual sollicita uma pensão para a sua familia. Não é licito duvidar que seja attendido tão justo pedido, em vista dos relevantes serviços prestados por aquelle official, e as concessões semelhantes, que sem as razões que justificam esta, se tem feito em todas as epocas. O estado concedendo tal pensão, paga em nome do paiz, uma divida do mesmo, a um official que tão bem o servio e que se prezasse menos o seu bom nome e dignidade, e não fosse de uma honradez sem quebra, deixaria de precisar fazer tal sollicitação.

J. C. A.

CAMINHO DE FERRO DE LISBOA A CINTRA

III

Quem diria aos nossos avoengos, quando viam com pasmo as arrojadas curvas d'aquelle aqueducto com que D. João V, o doutor Pinto Coelho do seu tempo, abasteceu d'agua a cidade de

Lisboa, quando do alto d'aquelles arcos, que constituiam então o seu passeio favorito, a sua avenida domingueira, contemplavam os campos de um e outro lado, pasmando da monumental obra em que assentavam os sapatos, admirando a pequenez das figuras que se moviam em baixo, na velha quinta de Sant'Anna, quem lhes diria então, que por debaixo d'esse arco grande que fazia o seu enlevo, os pequeninos netos de então traçariam, com mão não menos arrojada que a do architecto de D. João V, o caminho rapido e facil que os transportaria ás mais longas distancias.

Hoje, quem subir ao alto d'aquellas arcarias, não contemplará de lá sómente os campos e as quintas proximas; verá aos pés do collosso, serpenteando como uma fita agitada pelo vento, a branca estrada de duplo traço negro, por onde a locomotiva passa triumphante, arrastando os pesados comboios, cheios de gente que vae ao seu passeio favorito tambem, não a pé, como os nossos pobres avoengos, mas commodamente recostada nas carruagens do caminho de ferro.

É esta passagem do arco é um dos pontos mais interessantes da nova linha ferrea.

Não só produz um bello effeito a travessia d'aquella grande obra, não só o panorama que se disfructa das differentes curvas que a linha percorre, em elegantes traços, por entre os pequenos montes, é maravilhoso, como tambem aquelle troço da via é dos mais artisticos, pelos successivos viaductos e pontões em que a tortuosa ribeira de Alcantara tem que ser atravessada.

D'estes o mais importante é o de Sant'Anna representado na gravura que hoje publicamos.

D'elle já nos occupámos no nosso ultimo numero, dizendo que foi construido pela casa Eiffel, que tem 150 metros de extensão e a cota maxima de 12 metros e meio.

Podemos hoje accrescentar que o taboleiro, cuja altura é de 3 metros, é formado pelo systhema de cruzes de Santo André, do vão de 2m,50, que sustentam as vigas, de 52 centimetros de espessura.

Aos lados da via ha dois passeios forrados de madeira de carvalho, tendo a largura de 0m,54 cada um, sendo estes amparados por um parapeito de um metro de altura.

Como tambem dissemos, são cinco os vãos, de 30 metros approximadamente cada um, assentes em quatro elegantes pilares de cantaria, e os dois encontros.

Por debaixo do encontro do lado de Lisboa ha uma pequena passagem do caminho que conduz á quinta de Sant'Anna.

Antes d'este ha tambem outro viaducto mais pequeno, formado de dois tramos de 20 metros, e de egual construcção.

VICE ALMIRANTE JOÃO MAXIMO DA SILVA REDOVALHO

FALLECIDO EM 21 DE ABRIL DE 1887 (Segundo uma photographia de A. C. Pardal Filho)

O PAQUETE PORTUGUEZ «JOHN & ALBERT»

DA NOVA CARREIRA ENTRE PORTUGAL E O BRASIL, PROPRIEDADE DO SR. J. H. ANDRESEN (desenho do artista amador sr. José Pardal)

É o chamado viaducto da Ponte Nova, e 100 metros depois d'elle fica o tunnel do mesmo nome que tem apenas a extensão de 75 metros e a cota maxima de 33 metros.

No proximo numero daremos a gravura d'estas duas obras de arte, copia de uma bella photographia tirada pelo sr. Augusto Lamarão um dos mais distinctos amadores de Lisboa, um verdadeiro sacerdote da arte, que emprega todos os seus momentos disponiveis e todos os seus enthusiasmos de joven e de intelligente, no cultivo, no aperfeiçoamento e na propaganda d'esta delicada profissão.

Seguidamente ao viaducto que hoje reproduzimos que é o mais extenso de toda a linha de Cintra e Torres, ha outro de 25 metros, um pontão de 6 metros e outro de 10 metros, depois do qual a linha passa n'um dos pontos que hoje não tem importancia, mas que em breve ficará sendo um dos de mais movimento da linha, porque será o de ligação entre o futuro caminho de ferro da circulação da cidade e o de Cintra a Torres.

É no kilometro 4,100 que virá ter a linha em construcção desde Xabregas, pelo valle de Chellas, a Bemfica; é ahi que os comboios que partirem de Alcantara receberão ainda no final d'este anno, segundo se assegura, os passageiros que, de toda a rede de leste e norte, de todo o paiz, ligado por essa rede, e de todos os pontos do estrangeiro, desejarem seguir directamente a Cintra, a Torres e a outros pontos servidos pela nova linha.

Passado este ponto seguem ainda dois viaductos de 10 metros, e mais adiante o apeadeiro de S. Domingos, a paragem mais proxima para os logares de S. Domingos de Bemfica e Sete Rios.

Este apeadeiro não está ainda aberto á exploração, mas sel-o-ha brevemente, destinado como é, a ser um ponto de grande concorrencia do publico, não só porque, durante a estação calmosa, d'elle se aproveitarão as muitas familias que vão veranear para aquelles sitios, como porque constitue um agradavel passeio para quem quizer, sem se affastar muito do centro da cidade, tomar um pouco de ar puro dos campos, indo no comboio até S. Domingos, tomando ali a bella estrada, larga e bem construida, até Sete Rios e voltando á cidade pelos sitios de S. Sebastião da Pedreira e Avenida.

Não faltam n'aquellas immediações interessantes quintas a visitar, algumas mesmo cheias de flôres e de deliciosas ruas de arvoredo, como a a do sr. Mattos e Silva, chamada da Atalaya, onde, mediante a apresentação do nosso bilhete de visita, ha tempos passámos uma tarde deliciosamente, entre o aroma das flôres que cobrem os macissos a cada um dos lados do caminho, e a amabilidade do proprietario que não é menos apreciavel.

Aqui lhe deixamos tambem o nosso bilhete de agradecimento pela maneira porque nos recebeu ali, onde fomos attrahidos pelo convite de duas encantadoras creanças que correram pressurosas a fazer-nos as honras da... quinta.

Antes de terminar, porém, devemos fazer uma rectificação d'um erro commettido.

Uma das leituras a que nunca nos démos confesso-o, foi a do *Flos Sanctorum*. Por isso facilmente ao fallar da estatua que está em Alcantara confundimos os santos e, dissémos, guiados pelo vulgo, que era um S. Pedro.

Hoje sabemos e com todo o arrependimento aqui estamos a penitenciar-nos, que aquella estatua, que aliaz tem um certo valor artistico, não é de S. Pedro, mas de S. João Nepomoceno, mandada alli collocar, em 1743, por D. João V, por occasião do alargamento da ponte e outros melhoramentos que o magnanimo rei realisou na cidade, e devida ao cinzel do esculptor italiano João Antonio de Padua.

Que nos perdoe o milagroso santo attendendo a que, afinal, não lhe fizemos mais do que o seu homonymo fez ao Christo — baptisal-o, pedindo-lhe desculpa de havermos substituido as margens do Jordão pelos... do caneiro.

Nemo dat plusquam habet.

L. de Mendonça e Costa.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

CAMINHO DE FERRO DE LISBOA A CINTRA — VIADUCTO DE SANT'ANNA (Segundo uma photographia de Rocha

---

ANTONIO FRANCISCO DA COSTA

No longo periodo que o paiz tem tido de uma venturosa paz, não é facil encontrar feitos distinctos na vida militar dos nossos officiaes. Não ha campanhas notaveis que possam illustrar a biographia dos nossos camaradas nascidos depois de uma guerra fratricida que tantas familias enluctou. Se como excepção apparecem no nosso exercito officiaes galardoados pelos serviços extraordinarios praticados em Africa, já em notaveis e arrojadas travessias, já em campanhas contra as tribus revoltadas das nossas colonias, a maioria não tem podido demonstrar as suas brilhantes qualidades militares e as suas muitas aptidões, a não ser em commissões de serviço publico.

N'este caso se encontra o novo governador de Timor o sr. Antonio Francisco da Costa.

Dotado d'excellentes qualidades, militar serio e dignissimo, captou sempre a verdadeira estima dos seus camaradas d'escola e dos regimentos em que serviu, e mais conquistou a muita sympathia e consideração dos seus superiores, especialmente do nobre visconde de Sagres que o considerou sempre como um filho estremecido, e até ha pouco no serviço de official ás ordens de S. A. S. o Sr. Infante D. Affonso grangeou pela sua conducta e dignidade o interesse de S. M. El-Rei e de toda a familia real.

*
* *

Antonio Francisco da Costa nasceu em Lisboa a 27 de maio de 1850, sentou praça no regimento de cavallaria n.º 2, lanceiros da Rainha, em 3 d'outubro de 1867, estudou o curso da arma a que pertence, sendo promovido a alferes em 21 de janeiro de 1873, a tenente em 8 d'agosto de 1877, a capitão em 4 de novembro de 1884 e finalmente a major em 3 de março de 1887 por haver sido nomeado governador de Timor.

Desempenhou as seguintes commissões de serviço—ajudante de campo do general commandante da 1.ª Divisão militar, visconde de Sagres; ajudante da brigada de cavallaria commandada então pelo sr. Infante D. Augusto; official ás ordens de S. M. El-Rei; destacado para o serviço do sr. conde de Paris por occasião do casamento de S. A. R. o Principe D. Carlos com a Princeza D. Amelia de Orleans, e finalmente destacado para o serviço do sr. Infante D. Affonso, situação em que achava, quando foi nomeado para esta commissão do Ultramar.

É official de 1.ª classe da ordem de Ernesto Pio da Saxonia, official de S. Mauricio e S. Lazaro; cavalleiro d'Aviz e Izabel a Catholica.

*
* *

A sua nomeação para o governo de Timor, acertadamente feita pelo sr. ministro da marinha, será decerto um incentivo para que o novo governador d'aquella longiqua possessão possa desenvolver a sua energia e muita competencia em tão ardua commissão.

Antonio Costa, como alguns outros camaradas, teve sempre um desejo immenso de prestar os seus bons serviços nas nossas possessões ultramarinas—Tentou com alguns amigos e camaradas fundar uma colonia no S. da provincia d'Angola. Para realisar este projecto, para o estabelecimento da colonia do Bentiaba, percorreu Costa a Inglaterra e a França acreditando que n'estes grandes paizes encontraria os meios de levar a cabo os seus projectos. Infelizmente no estrangeiro, como na patria não foram coroados de bom exito os nobres e generosos esforços d'esse grupo sympathico d'officiaes.

Se Antonio Francisco da Costa não tem hoje uma biographia replecta de feitos d'armas, tem em compensação uma carreira distincta, a sympathia e a amizade sincera de todos os seus camaradas.

Acompanham-n'o na sua commissão os votos sinceros de todos que apreciam os seus elevados dotes, a seriedade do seu caracter e as suas virtudes.

O futuro é que dirá o que pode e o que vale o novo governador de Timor.

Que a sua excessiva modestia desculpe estas poucas linhas que acompanham o retrato que a illustrada redacção do OCCIDENTE entendeu dever publicar no presente numero.

3, maio, 1887.

A. F.

AS NOSSAS CRAVURAS

O PAQUETE PORTUGUEZ «JOHN & ALBERT»

No dia 27 de abril proximo passado sahiu pela primeira vez a barra de Lisboa, com destino ao Rio de Janeiro o paquete *John & Albert*, que poucos dias antes viera do Porto.

O facto de um paquete portuguez fazer carreira entre Portugal e o Brasil, torna-se digno de uma mensão especial, não obstante ser coisa que deveria de ha muito estar estabelecida entre os dois paizes tão intimamente ligados, se os capitaes portuguezes não andassem tão afastados das especulações commerciaes ou industriaes, para se absorverem no jogo da bolsa e na agiotagem, por ventura especulação mais rendosa e sobre tudo mais commoda, embora tambem sujeita ao risco que acompanha todo o negocio.

Mal se comprehende que, dadas as estreitas relações que existem entre Portugal e o Brasil, relações do mais alta importancia commercial, relações de uma constante emigração para aquelle paiz e de regresso a Portugal, relações que alimentam uma navegação frequente, quasi diaria, essa navegação seja unicamente explorada por navios extrangeiros, que durante o anno transportam entre Portugal e o Brazil milhares de passageiros e milhares de toneladas de mercadorias.

Mas para que insistir n'esta ou em outras especulações commerciaes ou industriaes, se em Portugal o commercio é tão estreito, e os capitaes tão indolentes, que desprezam tantas industrias rendosas que seriam outras tantas fontes de riqueza, convenientemente exploradas.

O sr. J. H. Andresen, um dos maiores negociantes do Porto, e o primeiro armador de Portugal, pois que traz em movimento vinte e quatro navios de vella, allemão de origem, mas ha tantos annos residente em Portugal, onde tem creado familia, o que lhe dá mais foros de portuguez que de estrangeiro, acaba de inaugurar a carreira mensal de paquetes a que nos referimos, e que nós registramos nas paginas d'esta revista, com o prazer com que saudamos todos os melhoramentos do nosso paiz.

Estamos certos que os nossos irmãos, no Brazil, não saudaram com menos enthusiasmo o novo paquete onde fluctua aos ventos a bandeira portugueza, e que a tentativa do sr. Andresen terá um exito animador e progressivo.

O novo vapor foi comprado em Inglaterra. É de ferro e mede 259 pés de comprimento deslocando 1:600 tonelladas. A machina é de tres cylindros; para alta, baixa e media pressão. As suas caldeiras são de cobre e a sua construcção e disposição interna é feita segundo os processos mais modernos.

Os seus paioes comportam carvão para toda a viagem. Tem logar para 20 passageiros de primeira classe e 150 de terceira classe. O porão é vastissimo para carga, fim principal a que se destina este vapor.

O sr. Andresen poz o nome *John & Albert* a este vapor, por serem estes nomes os de seus dois filhos. O vapor está matriculado na praça do Porto e o seu capitão sr. Knutsen é naturalisado portuguez. A tripulação composta de 22 homens e toda portugueza.

O sr. Andresen já adquiriu mais vapores para esta carreira que se fará regularmente todos os mezes.

Os srs. Pereiras & La Rocque são os consignatarios em Lisboa e os srs. Zanha Ramos & C.ª, os consignatarios no Rio de Janeiro.

Na vespera da partida do *John & Albert* de Lisboa para o Rio de Janeiro, houve a bordo uma festa a que assistiram muitos convidados entre os quaes se contavam membros da imprensa, e em que se fizeram enthusiasticos brindes á nova empreza de navegação portugueza a vapor, entre Portugal e o Brazil.

FONTES PEREIRA DE MELLO

XI

O gabinete de 16 de março de 1859 foi um dos mais brilhantes que teem gerido os negocios publicos—brilhante e ephemero. Em torno do duque da Terceira se agruparam os homens da geração nova, da geração a que Fontes Pereira de Mello pertencia, de que Fontes se destacára para entrar sósinho no poder, e que iam por conseguinte agora animados por nobre emulação. Esses homens que entravam no ministerio, levados por Fontes—o seu chefe de fila, por assim dizermos—eram os srs. Antonio de Serpa, Mártens Ferrão e Casal Ribeiro. As pastas das obras publicas e da fazenda, em que tanto se illustrára a iniciativa de Fontes Pereira de Mello, couberam aos srs. Antonio de Serpa e Casal Ribeiro, e o sr. Mártens Ferrão teve a pasta da justiça.

Quando se viu que Fontes Pereira de Mello ficára com a pasta do reino, que tão estranha parecia ás suas especialidades, todos suppozeram que o seu unico intento fosse reservar para si a direcção politica do paiz. Não foi por conseguinte pequena a surpreza de todos, quando viram a iniciativa de Fontes Pereira de Mello affirmar-se de um modo tão rasgado no ministerio do reino, como se affirmára no ministerio da fazenda e no das obras publicas.

E tão uteis eram essas reformas, que, introduzidas uma vez na nossa organisação administrativa, nunca mais de lá sairam. É esse, disse o signatario d'estas linhas na camara dos deputados, o caracteristico dos genios verdadeiramente elevados. «O que se escreve na areia da politica partidaria, vem a onda e apaga-o; mas o que se escreve no monumento publico, na politica nacional, isso desafia os seculos.»

Assim aconteceu com as reformas de Fontes Pereira de Mello. Foi para a instrucção publica que primeiro a sua attenção se dirigiu. Encontrou um conselho superior funccionando na Universidade de Coimbra, e entendeu que não era alli o seu logar. Supprimio-o, creou em seu logar um conselho geral de instrucção publica em Lisboa, junto do ministro, e no ministerio do reino, cuja organisação reformou, instituiu a direcção geral de instrucção publica.

Felizes tempos em que se não recuava diante de uma medida que ia irritar profundamente a Universidade, indignar Coimbra, fazer perder ao governo uma eleição! O proprio Fontes se mostrou depois muitas vezes mais transigente; mas em 1859, estava ainda no seu periodo profundamente reformador, e a tudo antepunha a necessidade suprema de transformar o ramo da administração em que superintendia. O seu projecto foi por diante, o dr. Cesario espumou contra elle na camara, insultou o ministro, mas o projecto passou, mas o conselho superior de instrucção publica, transformado em conselho geral de instrucção publica, fixou-se em Lisboa, mas a direcção geral de instrucção publica instituiu-se no ministerio do reino.

Tambem Fontes referendou a organisação do Curso Superior de Letras, tambem foi elle quem fez passar a Escola Polytechnica para o ministerio do reino, e n'essa Escola creou a importante cadeira de geometria descriptiva.

Foi elle quem confiou a direcção do *Diario do Governo* ao ministerio do reino.

Finalmente, um dos actos mais importantes devidos á sua iniciativa foi a lei eleitoral de 1859, que creou os circulos uninominaes, mas que ao mesmo tempo organisou os circulos, de fórma que se não podia n'elles fazer sentir de um modo tão sensivel a acção e a pressão do governo.

Veiu depois o bispo de Vizeu, e substituiu dictatorialmente essa lei pela de 1869, que fez de quasi todos os circulos uns burgos podres.

Foi ainda Fontes Pereira de Mello quem fez passar a lei muito mais liberal de 1878, foi elle ainda quem fez votar pelas côrtes a lei actual de 1884, onde tantas garantias se dão ás minorias para se fazerem representar no parlamento.

A inspecção ás escolas primarias, o regulamento que determina [illegible] de um premio ao melhor compendio, a proposta de lei para a fundação do hospital Estephania tudo é da iniciativa de Fontes.

Em 1860 abria-se a camara eleita em conformidade com a nova lei. A opposição era forte e imponente, a maioria um pouco inerte e bastante dividida, e Fontes teve de estar constantemente na brecha, defendendo não só os seus actos, mas tambem os dos seus collegas, principalmente na discussão da resposta ao discurso da corôa.

O ministerio, porém, não estava feliz. Morreu o ministro da marinha Ferreri. Tempos depois a 27 de abril de 1860 morria o proprio presidente, o duque da Terceira.

Recompoz-se, fazendo subir á presidencia Joaquim Antonio de Aguiar; mas estava fraco, e o gabinete, vendo que a maioria obstinadamente lhe levantava difficuldades, entendeu que o melhor era sair dos conselhos da corôa, e a 4 de julho de 1860 foi substituido por um ministerio Loulé.

Deu isso resultados gravissimos para o partido regenerador. O eloquentissimo José Estevam que até ahi se mostrára sempre regenerador fiel, profundamente magoado por se ter demittido o ministerio, sem o consultar nem lhe dizer coisa alguma, affastou-se do partido, e na primeira questão sympathica que apparecesse no debate, era evidente que se affastaria mais profundamente. Foi o que succedeu com a questão das irmãs da caridade. Era uma questão de regimen liberal, José Estevam felicitou o governo historico e desde esse momento historico ficou sendo.

(Continúa.)

Pinheiro Chagas.

ORIGEM DO JORNALISMO EM PORTUGAL

(Continuado do n.º 501)

Entretanto a reacção campeava e foi no meio da agitação que se manifestou no paiz que José Estevam conseguio derrubal-a organisando o seu partido liberal, composto dos elementos mais puros que haviam ficado das velhas tradicções de 1820 e das revoluções de 1838 e 1846.

Estavam as cousas n'estes termos quando falleceu inopinadamente el-rei D. Pedro v.

Annos depois morreu José Estevam extinguindo-se, envolta com este brilhante espirito, o partido que por assim dizer ainda estava na sua adolescencia.

Quando se deu este ultimo acontecimento que enlutou a tribuna parlamentar, já occupava o throno o sr. D. Luiz e os historicos haviam-se dividido nos dois grupos politicos: o da *unha negra* que era o dos amigos do sr. Lobo d'Avila, e o da unha branca os que seguiam as idéias politicas do nobre duque de Loulé. Foi n'essa occasião que os regeneradores se alliaram ao partido historico progressista formando em 4 de setembro de 1865 o ministerio da fusão que foi uma desgraça para o paiz.

Poucos annos depois, em 1868, os fuzionistas cahiam estrondosamente ante os tumultos populares produzidos pelas leis do consumo. Da *janeirinha*, como então chamaram a esses motins, surdiu um ministerio composto d'alguns historicos, avilistas e velhos conservadores, mas tanto o partido historico como o conservador estavam rôtos e sem programma definido, e portanto esse ministerio de transição não se poude sustentar, sendo substituido por outro onde entrou Alves Martins e alguns dos seus amigos, que estavam organisando um novo partido denominado *Reformista*.

Com effeito, em 1869 formou-se o primeiro ministerio reformista, com um programma onde entravam como pontos principaes a *economia* e a *moralidade*. Grande foi o enthusiasmo no paiz por esse acontecimento, mas breve houve a desillusão!

Os reformistas, que nada haviam feito, cahiram sendo chamado ao paço o duque de Loulé que formou o novo gabinete historico, mas que teve igualmente de cahir ante a embuscada de 19 de maio de 1870.

O duque de Saldanha, auctor d'esse movimento militar, achou-se imprevistamente no poder declarando-se em ditadura, mas poucos dias depois era tambem imprevistamente demittido sendo chamado aos conselhos da corôa o sr. Avila, que formou ainda um novo gabinete de transição.

Entretanto o partido historico e regenerador rompiam hostilidades, de que resultou acabar a sua lograda fusão, já abalada desde 1868. D'este incidente resultou o abraço en[illegible]s historicos e reformistas com o fim da [illegible]ma da Carta. D'essa juncção incestuosa resultou em 7 de setembro de 1876 o denominado *pacto da Granja* e a formação do novo partido *Progressista* com o seu programma largamente democratico [illegible] avultavam as reformas politicas e financeiras.

Quando o partido progressista subiu ao poder houve o maior enthusiasmo no paiz. As circumstancias eram porem difficeis e as questões que o ministerio transacto lhes havia legado espinhosas de resolver, o que deu em resultado elle não poder cumprir o seu programma e cahir ante esses embaraços que não soube remover.

Foi pouco mais ou menos por esse tempo que a propaganda republicana mais se desenvolveu e á qual mesmo deu alento o partido cahido do poder. Numerosos jornaes republicanos appareceram á luz da publicidade. Ao *Trinta Diabos*, que era lido pela classe operaria, juntou-se a *Democracia* redigida por vultos importantes na politica e nas letras. Em 28 de março de 1876 fundou-se em Lisboa o primeiro club republicano com o titulo de *Centro Eleitoral republicano democratico de Lisboa*, que foi o inicio para outros muitos se fundarem em Lisboa e outros pontos do reino. Então appareceram os jornaes o *Seculo*, a *Vanguarda*, o *Suffragio Universal*, o *Antonio Maria*, a *Folha Nova*, o *Noventa e Tres*, a *Justiça Portugueza*, o *Transmontano*, o *Tempo*, o *Facho* e tantos outros.

Com essa propaganda coincidiu a formação d'um grupo politico organisado pelo sr. José Dias Ferreira e Manuel Vaz Preto Geraldes, e que cinco annos depois foi absorvido pelo partido regenerador, que lhe raptou os seus melhores generaes para os fazer entrar em um ministerio de *homens novos*.

(Continua.)

Silva Pereira.

ACTULIDADES SCIENTIFICAS

XXXI

Effeitos da Antypyrina.—Um caso notavel de hydrophobia.—O congresso astronomico para realisar a photographia do céo.—Envenenamento pelo tabaco.—Os myriapodos luminosos.

O dr. Germain Sée, apresentou á academia das sciencias de Paris uma memoria que revella a acção analgisante da *antypyrina*, descoberta em 1844 pelo dr. Knorr e cuja formula chimica é— $C^{11} K^{12} Az^{2} O$.—Em tempo já tinha sido empregada esta substancia, como succedaneo do sulfato de quinina nas febres e no rheumatismo, em que obra do mesmo modo quasi que o salicylato de soda. Em nove enfermos affectados de rheumatismo agudo ou de hydartroze e inutilmente tratados pelas pontas de fogo ou pelo salicylato, a antipyrina supprimiu em alguns dias a dôr e o engorgitamento articular. Esse effeito foi o mesmo nos ataques da gota aguda.

É, porém, segundo o sr. Sée, nas perturbações nervosas da sensibilidade que a antipyrina produz o maximo da acção. As nevralgias da face inveteradas, as enxaquecas antigas e frequentes, as cephalgias intensas, as nevrites, as dores musculares, cederam ao medicamento, sem exceptuar a ataxia locomotora, que produz dores horriveis. As dores dilacerantes provenientes das doenças de coração são debelladas pela antipyrina.

O dr. Germain Sée emprega este alcaloide na dose de 3 grammas a 6 por dia, administrada com 1 hora ou 4 horas de intervallo em solução aquosa contendo 1 gramma por colher de sopa.

Nem as funcções do coração nem a circulação, no dizer do clinico, são affectadas.

Injectada na doze de 2 grammas debaixo da pelle de um cão, com o pezo de 10 kil., a antipyrina produziu diminuição notavel de sensibilidade do membro injectado. Parece que ha enfraquecimento do poder reflexo da medulla.

A acção directa da antipyrina sobre os nervos musculares é muito pronunciada, sem que perturbe os movimentos do coração ou diminua a força da circulação.

—Eis um caso notavel de hydrophobia. O sr. Carlos Lesseps tinha nas suas cavallerições dois cães que viviam em companhia de dois creados.

Um dos creados foi mordido por um dos cães, que contrahira a raiva. Foi mandado para o laboratorio de Pasteur, onde lhe foi inoculado o virus da medulla rabica. O cão morreu e o homem passa excellentemente. Mas o outro creado tendo sido lambido pelo outro cão, que tambem se damnára, não julgou necessario tratar-se e foi acommettido da raiva convulsiva.

—Com respeito ao congresso astronomico merece ser citada a allocução de Janssen aos astronomos estrangeiros, quando elle os convidava a que visitassem o observatorio de Meudon, consagrado á as[illegible]omia physica.

«Teremos, disse-lhes Janssen, um telescopio cujo espelho será um primor d'arte dos irmãos Henry. Esse instrumento deve medir um metro de diametro e apenas tres metros de distancia focal. Equivalle isto a dizer que será muito luminoso e que será consagrado especialmente á photographia das mais fracas nebulosas e do seu espectro. É com um telescopio d'este genero que eu pude estudar a aureola solar e descobrir as fachas obscuras que attestam phenomenos de reflexão. Teremos tambem um excellente oculo, analogo ao de Pulkowa, o instrumento mais poderoso dos que existem na Europa, mas a esse oculo astronomico hade juntar-se-lhe um oculo photographico de 60 centimetros de abertura.

«Começámos em recinto, cuja extensão não era inferior a 100 metros, a installação do laboratorio, onde deverão realisar-se um grande numero de experiencias. Para estudar o espectro da absorpção dos gazes estabelecemos tubos de 60 metros. Com respeito ao oxigenio tivemos occasião de verificar uma lei das mais curiosas. Sob uma pressão um pouco elevada, o espectro d'esse fluido apresenta, além dos riscos normaes, fachas escuras que se desenvolvem não em razão da espessura do gaz, mas em razão do quadrado da sua densidade.

«Este phenomeno foi observado em um tubo de 40 metros de comprimento sob a pressão de 70 atmospheras. D'este facto deduzem-se importantes consequencias. Torna-se certo que uma nebulosa, com a densidade de um millessimo de atmosphera, poderia ser atravessada pela luz sem dar riscas no espectro. Assim o espectro das nebulosas, que só dão as riscas indicadas do azote e do oxigenio revelam-nos imperfeitamente a sua composição. As nebulosas devem contar muitos outros elementos que a analyse espectral mais perfeita um dia nos deve revellar.

«Se os meus trabalhos de photographia astronomica foram executados com perseverança e alguma utilidade, devo-o ás constantes animações que o sr. Faye nunca deixou de prodigalisar-me, desde os meus primeiros ensaios.»

Com respeito á photographia astronomica já por vezes temos informado os nossos leitores, não sómente dos seus resultados, mas dos meios empregados para obter a photographia da lua, do sol, dos planetas, dos cometas, estrellas e nebulosas.

—O abuso do tabaco produz graves perturbações chronicas e agudas. O dr. Favarger, de Vienna d'Austria, notou que a autopsia revellava a degeneração gorda do coração. Este clinico distingue quatro classes de fumadores.

1.º Os que engolem o fumo. N'este caso a nicotina obra sobre a mucosa pulmonar e não sobre a mucosa do estomago, pois, os fumistas d'esta classe *inhalam* o fumo e não *engolem*, como lhes parece.

2.º Os fumadores que apenas aspiram o fumo. N'estes a acção da nicotina limita-se á pharynge e á larynge.

3.º Os fumadores que conservam o charuto ou o cigarro constantemente na bocca. Estes absorvem com a saliva uma grande porção de nicotina, que actua sobre o estomago.

4.º Os fumadores que usam boquilha.

Eis os meios de evitar o nicotismo chronico:

1.º Nunca fumar em jejum, de modo a limitar o numero de charutos ou de cigarros, a fazer actuar a nicotina, quando o estomago está cheio e a aproveitar a acção anti-nicotica do acido tannico contido no vinho tinto, chá, café etc.

2.º Não conservar o charuto ou o cigarro na bocca por muito tempo.

3.º Renovar e limpar a miudo as boquilhas.

4.º Alternar com charutos fortes os charutos fracos.

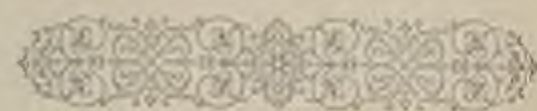
Segundo o dr. Favarger o melhor antidoto da nicotina é o acido tannico. O opio e o iodeto de potassio tem sido administrado nos casos em que o tabaco ataca a vista—*amblyopia tabaxica*.

—A atropina é um antidoto physiologico da nicotina.

Os que mascam o tabaco são atacados por vezes de uma verdadeira *cholera tabaxica*, cujos symptomas são os vomitos e a dysenteria.

Alem da nicotina o tabaco contem outros alcaloides prejudiciaes e productos organicos muito nocivos ás funcções do organismo.

—Das observações do dr. Dubois resulta que o rasto luminoso, que deixam alguns myriapodos é o resultado da expulsão, pela parte terminal do tubo digestivo, de granulações phosphorecentes, que existem em todo o tubo, o que torna todo o corpo do animal phosphorecente.

João de Mendonça.

RESENHA NOTICIOSA

CONCURSO DE CEIFEIRAS E GADANHEIRAS. Realisou-se no dia 1 do corrente, no hyppodromo de Belem, as provas das machinas ceifeiras e gadanheiras de Osborne, Bradley, Adriance e Buckeye. Haviam dois *chalets* armados sendo um destinado á familia real e outro para os convidados. Ao lado do *chalet* da familia real haviam tres barracas destinadas ao jury, imprensa e musica da Granja. As 3 horas chegou sua alteza o principe D. Carlos e pouco depois el-rei D. Luiz acompanhados pelos seus camaristas. Os srs. visconde de S. Januario, ministro da guerra, e Navarro ministro das obras publicas esperavam el-rei, e egualmente os membros do jury, srs. Elvino de Brito, Alfredo Carlos Le Cocq, Ignacio Ferreira Lapa, Manuel José Ribeiro, D. Jorge de Mello, Francisco Simões Margiochi e José Maria dos Santos. O terreno destinado para as provas, media uma area de proximamente 100 metros quadrados cemeado de cevada. Grande concurso de povo enchia o hyppodromo, e o *chalet* dos convidados estava completamente occupado, vendo-se alli pessoas da primeira sociedade.

As experiencias não se concluiram n'aquella tarde, realisando-se no dia seguinte as provas das gadanheiras. Em vista das provas das differentes machinas, o jury conferiu os seguintes premios: Dois premios pecuniarios de 50$000

á ceifeira e á gadanheira Osborne, apresentadas pelo Centro Agricola Industrial; e diplomas de menção honrosa ás ceifeiras Adriance, Bucheye e a gadanheira Bradley, apresentadas pela companhia Real Promotora da Agricultura Portugueza.

Espada de honra. O sr. major Costa, novo governador de Timor, que partiu de Lisboa no dia 3 do corrente, por via de Marselha com destino áquella possessão, foi portador de uma espada de honra, que os commerciantes de Timor mandaram fazer em Lisboa, para offerecerem ao malogrado governador Alfredo de Lacerda Maia. A espada é do modelo das espadas dos officiaes da marinha portugueza. O bocal da bainha que é de couro com filletes dourados, é em alto relevo sendo o botão uma cabeça de golphinho; o guarda lamina é formado por um golphinho recurvado; os copos tem entrelaçados entre festões os emblemas da marinha real. A lamina é de Toledo, fosqueada, tendo gravada a dedicatoria: «Os commerciantes de Timor ao governador Alfredo de Lacerda Maia.» Um estojo de mogno polido, forrado de velludo carmezim e tendo na tampa uma chapa dourada onde se lê a dedicatoria, guarda esta significativa offerta que é ao mesmo tempo uma obra d'arte. Foi o sr. Simões, artista estabelecido na calçada da Ajuda, quem delineou e executou esta bella obra.

Congressos. No mez de setembro realisa-se em Vienna um congresso de hygiene e de demographia, e em Carlsruhe outro que diz respeito ás sociedades da Cruz Vermelha de soccorros a militares feridos em campanha. Portugal já foi convidado pelo Comité Internacional de Genebra, a fazer-se representar n'este ultimo.

Protecção real. Uma pobre creança de 6 mezes, ha dias lançada ao Tejo por sua propria mãe, crime monstruoso que indignou toda Lisboa, e salva por uns pescadores, foi mandada crear por el-rei D. Luiz que a tomou sob a sua real protecção.

Novo apparelho electrico telegraphico. O sr. Joaquim José d'Almeida inventou um apparelho electrico telegraphico, destinado a transmittir os discursos, seja qual fôr a rapidez da palavra do orador, com completa exactidão.

MAJOR ANTONIO FRANCISCO DA COSTA

NOVO GOVERNADOR DE TIMOR (Segundo uma photographia de Madeira)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Archivo dos Açores *publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana*, 8.º vol. n.º 47. Ponta Delgada, 1887. Este numero insere: donatarios da ilha de S. Miguel, instituições vinculares, morgado de D. Filippe Coutinho, morgado de Manuel da Camara; collecção de documentos relativos ás ilhas dos Açores, descripção das aguas mineraes das furnas na ilha de S. Miguel, etc., 1791; descripção das mesmas aguas pelo dr. G. Gourlay em 1791, traduzida por Francisco Tavares; relação das festas que fez o Collegio da cidade de Angra da Ilha Terceira —estas festas tiveram logar por occasião da canonisação de Santo Ignacio de Loyola e S. Francisco Xavier—relação da maneira pela qual foi celebrado na cidade de Angra, o dia 13 de maio de 1824, anniversario de Sua Magestade Fidelissima o Senhor D. João VI.

Elementos para a historia do municipio de Lisboa por Eduardo Freire de Oliveira, Lisboa, 1887. Tomo II, folha 24. Os documentos d'esta folha dizem respeito a esmolas authorisadas pela camara a differentes ordens e corporações religiosas, no seculo XVII.

Cinesiologia *ou sciencia do movimento atravez quatro seculos* por Paulo Lauret, director e proprietario do Gymnasio Lauret e sala d'armas, professor do hospital dos alienados, escolas normaes, etc. Porto, typographia da Empreza Litteraria e Typographica, 1887. 1 vol. de 95 pag. Um breve estudo sobre a gymnastica e noticia das suas differentes escolas, desde o seculo XV, até ao presente e sua introducção em Portugal. É um livro de verdadeira propaganda o que o sr. Lauret apresenta, propaganda sympathica de que ha a colher os melhores resultados para a educação da mocidade. Muitos authores extrangeiros se tem occupado largamente do assumpto, e a elles se soccorreu o sr. Lauret como a boas authoridades, para melhor fundamentar a sua propaganda. A idea de uma escola normal de gymnastica, de que o sr. Lauret apresenta um projecto é boa, ainda que, por emquanto, se nos afigure pouco pratica, attentos os poucos recursos de que a maioria das escolas primarias dispõe no nosso paiz, em que as camaras não sustentam um professor de instrucção primaria, quanto mais um professor de gymnastica, a não ser que um só professor accumulasse mais esta disciplina, o que tambem nos não parece pratico, por sobrecarregar demasiadamente um só homem, a quem aliás já se não paga para o que elle hoje ensina. Isto é tristemente desanimador, mas é a verdade. Fóra dos collegios particulares de primeira ordem e das escolas municipaes de Lisboa, os recursos são o mais limitados possivel e parece-nos que ainda levará tempo para que a instrucção primaria se desenvolva e aperfeiçoe por todo o paiz, a não ser que o governo revogue a lei de 2 de maio, tomando sobre si a sustentação das escolas, dotando-as com o preciso para que ellas utilisem, e ponha em vigor o ensino obrigatorio. Cumpre aos que lidam na santa cruzada da civilisação, não deixarem de pugnar pelo desenvolvimento e perfeição da instrucção primaria, ponto de partida para os estudos superiores, primeira fonte onde se lava o espirito e se revela a intelligencia. Seja pois bem vindo o livro do sr. Lauret, e que elle concorra para o aperfeiçoamento da educação da mocidade, é o que desejamos.

Revista da Educação e Ensino, *publicação scientifica dedicada especialmente a assumptos pedagogicos, agricolas e zootechnicos*, directores João d'Almeida Pessanha, capellão militar, J. Antunes Pinto, professor do Instituto de Agronomia e Veterinaria, Manuel Ferreira, professor e membro do Conselho Superior de Instrucção Publica, Lisboa, n.º 4 de 15 de abril, vol. II cujo summario é o seguinte: A Orthographia portugueza, por A. R. Gonçalves Vianna—As plantas textis, por A. P.—Estudos de psychologia, por Manuel Ferreira—A doutrina da evolução, por Paulo Nogueira—O gymnasio na Allemanha, por F. Pinheiro Alves—A educação intellectual, por J. Pessanha, etc.

O Philatelista *revista mensal, orgão do Centro Philatelico Portuguez*, proprietario Faustino A. Martins, Lisboa. N.º 2, Maio 1887. É uma publicação de novo genero em Portugal, fundada pelo sr. Faustino A. Martins, o mais importante colleccionador de estampilhas de correio, em o nosso paiz, e que d'isso faz um commercio avultado com grande admiração de muita gente boa, que ignora que as estampilhas do correio tenham algum valor depois de servidas. Pois tem, e ahi o está a provar o sr. Martins com o seu commercio e com o seu *Philatelista*, periodico exclusivamente dedicado aos assumptos postaes, e aos colleccionadores de estampilhas do correio, que são já em grande numero. Ha estampilhas que depois de servidas valem o dobro e mais do que primeiro custaram, e entre outras encontramos as da India Portugueza, fabricadas em Goa em 1872, 1874 e 1876, que a principiar pelas de 40 reis que valem 100 réis, chega ás de 900 réis que valem réis 1$500 cada uma ou 150$000 cada cento!

Relatorio do Instituto Vaccinico Campos & Bourguin concernente aos annos decimo setimo e decimo oitavo da sua fundação, 1885 e 1886, pelo director proprietario do mesmo instituto e medico vaccinador do extincto conselho de saude publica do reino, Alexandre José da Silva Campos. Lisboa, Imprensa Nacional, 1887. As vantagens da vaccina contra a variola são hoje geralmente reconhecidas e isto se acha bem demonstrado no relatorio do sr. Campos. Entretanto ha ainda relutancias que é preciso vencer, restos de preconceitos que o tempo extinguirá pela evidencia dos factos. Comparando a mortalidade produzida pela variola nas terras onde a vaccina se não emprega, e n'aquellas em que esta está mais em uso, a differença é toda em favor das ultimas. De tudo isto dá boa lição o relatorio do sr. Campos, apontando mais o quanto o serviço vaccinico é considerado nos principaes paizes da Europa, onde se estabelecem premios pecuniarios para os medicos que mais serviços prestam n'este ramo da sciencia.

Typ. Castro Irmão—Rua da Cruz de Pau, 31—Lisboa